

“Neste País sem olhos e sem boca
Espaço raso de silêncio e de solidão”
Ruy Bello

JOÃO SALCHER

O encontro e o desencontro de culturas

Faces of culture

Conheci o João nos idos anos de 80. Éramos então jovens médicos, com a mente incendiada de ilusões.

Na Unidade de Urgência Médica (U.U.M) – novel serviço dos Hospitais Cívicos de Lisboa -, o entusiasmo vicejante de um punhado de médicos, chefiados pelo “comandante” Resina Rodrigues, procurava caminhos novos, em paralelo com o sobressalto que assolava o mundo em ebulição de mudança.

A sua transferência do Hospital Curry Cabral para a U.U.M. gerara uma onda de expectativa.

Era um reforço de vulto.

Apesar da verdura dos anos vinha aureolado de uma capacidade intelectual superior ao comum.

Uma sólida cultura médica associada a um precioso senso clínico, sustentado por uma multifacetada e rica visão humanista da vida, atravessada pelo domínio corrente de vários idiomas, faziam-no a referência de uma geração.

Tive a dita de com ele trabalhar e conviver uma mão cheia de anos, na equipa de urgência chefiada pelo Prof. José Lopes Martins, onde o João rapidamente ganhou notoriedade e respeito.

Cimentámos então uma relação que suponho de mútua amizade, na diversidade flagrante das nossas personalidades.

Filho de duas culturas diametralmente opostas:

- a de cariz germânico, mais precisamente austríaca, pelo lado materno, - fria, austera, rigorosa, e pelo lado paterno a latina, descendente do fulgor civilizacional Greco-Romano, - viva, alegre, vibrante, espontânea -, como o sol que incendeia os campos do seu Alentejo e faz cintilar miríades de estrelas nas águas cristalinas que banham as praias do seu e nosso torrão natal.

As duas culturas fundiam-se num equilíbrio rico e harmónico, colorindo a sua personalidade de um fascínio, que cativava os que com ele privavam. A cultura latina ganhava vida e expressão nos almoços

de “cozido à Portuguesa”, comumente saboreados às 5^{as} feiras, regados por um tinto, “ pouco, mas bom”, oriundo a mais das vezes das terras quentes do Alentejo, onde se refugiava ao fim de semana, numa terapia termal do Espírito.

A cultura germânica expressa no rigor do pensamento, na disciplina metódica, na vontade decidida, na exigência na acção, no comportamento aparentemente frio e distante, mas sempre banhado pela calda doce e saborosa do calor mediterrânico, e que faziam dele um ser próximo e distante, caloroso e sereno, entusiasta e frio, mas a que não se ficava indiferente.

Ao longo de anos de cordial e fraterno convívio fruído em noites de árduo trabalho, ou em momentos de lazer, onde o prazer da conversa vadia ao sabor do sonho da inquietação e da imaginação, tão ausentes da comunicação do silêncio que caracteriza os tempos de hoje, tive o privilégio de conhecer a riqueza do seu espírito culto, vivo e acutilante.

Na ciência e no quotidiano da vida coexistiam para além do brilho da inteligência, da simplicidade do trato, do rigor do pensamento, da vagabundagem do Espírito, uma permanente dualidade cultural, que deu lugar a alguns episódios, que hoje à distância dos anos e à irremediabilidade da separação, fazem aflorar um sorriso de comovida saudade.

Separados pelos caminhos da vida, senti nos contactos que fomos mantendo o crescer de uma desilusão por uma medicina, que cada vez mais resolve a dimensão física dos problemas do Homem, mas deixa-o órfão de si próprio, e que o levaram a procurar na medicina chinesa, cientificamente assumida, uma resposta para a globalidade do ser humano e que anda arredia da medicina ocidental, num claro afrontamento do nobilíssimo espírito Hipocrático.

À desilusão científica, talvez originada também pelo natural cansaço de longos anos de actividade em cuidados intensivos, acrescia o desencanto e o

desalento com os humanos, companheiros de caminho, sempre lesto a recorrer às suas qualidades de inteligência, dedicação, empenho e rigor, e parco na compensação, o que o afastou injustamente do lugar de consagração de uma carreira.

Num dia radioso de Verão, em que estava de banco, a Manuela Fera, que comigo e contigo trabalhou e que hoje trilha os seus próprios caminhos, com uma delicadeza quase medrosa, transmite-me a brutal notícia.

Tempo breve, quanto a vida, para num pulo chegar à capela do Hospital de São José.

Estavam lá todos. Os amigos, os admiradores, os que podiam ter feito na vida e não fizeram, os colegas e os que nestes momentos cuidam sempre de certificarem-se da veracidade do acontecido.

Cerimónia singularmente austera e bela. Os cânticos suaves, iluminando a soturnidade da dor, de um halo de serenidade e esperança.

Cruzámo-nos então pela última vez, até ao dia em que algures no espaço cósmico do Espírito, libertos da fragilidade da matéria e das grilhetas do tempo, continuemos o intemporal diálogo sobre o Homem e a Vida.

Amadeu Prado de Lacerda

ERRATA ERRATUM

Sobre a Incretina e a sua aplicação no tratamento da diabetes mellitus tipo 2 (Ver Med Int 2008;15(3):207-213) no 2º parágrafo deve ler-se: “Preparations based on GLP – 1 are able to improve the reduced incretin effect...”.